



PÁGINAS DE CHUMBO? A GRANDE IMPRENSA PARAENSE E O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

ANDERSON RODRIGO TAVARES SILVA*

O principal objetivo desta proposta será efetuar uma pequena análise do contexto do golpe civil-militar¹ de 1964 na grande imprensa paraense² à luz de representações visuais presentes em um dos jornais de maior circulação da capital paraense nesse período – *A Província do Pará* -, bem como realizar algumas reflexões metodológicas e historiográficas, em especial a partir das contribuições de Tânia De Luca (2006) sobre o uso dos impressos como fonte e objeto de pesquisa em história. Do estudo de Rodrigo Motta (2013) a respeito do golpe de 1964, a partir de uma análise sobre representações verbais e visuais da grande imprensa paulista e carioca. Do artigo de Marialva Barbosa (2014) acerca as relações entre imprensa e ditadura por meio de um estudo das “imagens sínteses” e das “imagens do esquecimento”. E do livro de Sônia Meneses (2017) sobre o golpe de 1964 e a *Folha de São Paulo*, onde a autora aponta uma metodologia de análise ímpar ao optar discutir o Golpe de 1964 e o jornal *Folha de São Paulo* como objeto e fonte de estudo de forma inter-relacionada.

Além dos autores citados acima, o recente estudo de Edilza Fontes (2014) sobre o golpe civil-militar de 1964 no Pará efetua importantes reflexões acerca da postura da grande imprensa paraense diante do golpe de 1964. Explorando os editoriais dos jornais de maior circulação local: *A província do Pará*, *O Liberal* e *Folha do Norte*; bem como depoimentos de ex-presos políticos, os quais faziam parte do movimento estudantil no contexto do golpe, Fontes efetua um mapeamento dos posicionamentos políticos dos periódicos de acordo com suas relações com os partidos políticos, como por exemplo, a ligação do jornal *O Liberal* ao PSD, e identifica uma mudança de postura desse partido – e, conseqüentemente, de seu diário - de acordo com os desdobramentos do golpe.

* Mestre em Planejamento do Desenvolvimento (NAEA-UFGA). Professor de História da Secretaria de Educação do estado do Pará (SEDUC-PA).

¹ Nesse artigo, abordaremos as noções de “golpe civil-militar” e “ditadura militar” de acordo com a abordagem de Carlos Fico. Ou seja, entende-se que o golpe de 1964 contou com o apoio de boa parte da sociedade civil. Contudo, “o regime subsequente foi eminentemente militar e muitos civis proeminentes que deram o golpe foram logo afastados pelos militares justamente porque punham em risco o seu mando.” (FICO, 2014: 9).

² Termo utilizado nesse artigo de acordo com a perspectiva utilizada por Rodrigo Patto Sá Motta (2014), visando caracterizar os jornais de maior circulação nacional. Nesse artigo, busca-se enfatizar com este termo o conjunto dos jornais de maior circulação no estado do Pará na década de 1960.

Diante disso, serão debatidos alguns aspectos relacionados aos editoriais de um dos principais jornais paraenses da época, contudo a ênfase será dada às representações visuais sobre o contexto do golpe de 1964 por meio de um tipo específico de iconografia presente em um dos jornais, o iconotexto³, algo recorrente principalmente no jornal *A Província do Pará*, o qual continha uma seção localizada na sua última página denominada “*Uma foto e sua legenda*”. Eles eram publicados numa periodicidade “quase diária”⁴ e serão analisados a partir de suas particularidades individuais e conjuntamente, pois se compreende que esse conjunto de fotografias possa ser visto enquanto um tipo particular de narrativa visual, bem como ter um potencial tão relevante quanto os editoriais para o debate historiográfico em torno dos posicionamentos políticos dos principais jornais sobre o golpe de 1964 no Pará. Desse modo, não serão ignoradas as particularidades de cada fotografia, visto que Burke atenta para a questão de que cada fotografia “conta uma história” (BURKE, 2001: 39) e pode ser considerada de duas formas: como “evidência da história e história” (2001: 40).

Nessa pequena proposta, as fotografias serão vistas enquanto evidência histórica e objeto histórico, com o objetivo de buscar lançar um olhar sobre algumas representações visuais presentes em um dos jornais desse período, visto que as imagens são frequentemente ignoradas pela historiografia ao se debruçar sobre esses diários, por privilegiarem normalmente os editoriais como fonte e/ou objeto de pesquisa quando se trata do tema do golpe de 1964. Assim, os editoriais dos jornais da década de 1960 e 1970 tendem a ser priorizados enquanto evidências e/ou objetos históricos relevantes para o estudo do contexto do regime militar no Brasil, ignorando-se muitas vezes outros tipos de representações (como as visuais) e elementos (ou seções) contidos nos periódicos, como por exemplo, o caderno que trata de assuntos do cotidiano.

Os iconotextos podem apresentar algumas nuances sobre o contexto que ficou marcado na memória historiográfica como sendo o período do golpe de 1964. Essas imagens ilustram o contexto de março/abril de 1964 por um prisma que permite vislumbrar o uso de

³ Termo utilizado segundo a abordagem de Peter Burke (2001: 103), quando as imagens visuais são reforçadas com pequenas legendas, textos didáticos ou exortativos.

⁴ Utilizo a expressão “quase diária”, pois não havia uma periodicidade exata de publicação desses iconotextos. Poderiam vir publicados por dois ou três dias seguidos, assim como deixar de ser publicados por igual período. Ainda assim, considerando a periodicidade diária do jornal, pode-se afirmar que eles eram mais presentes do que ausentes. Por exemplo, no mês de abril de 1964 foram encontrados iconotextos pertencentes à seção *Uma foto e sua legenda* em dezesseis números do jornal *A Província do Pará*. Nas páginas seguintes, essa seção será melhor apresentada.

algumas simbologias pelos fotógrafos dos jornais, em concordância ou não com os seus editores, visando apresentar imagens do contexto da “Revolução de 1964” (segundo as manchetes dos principais jornais da época) exaltando características positivas no novo regime. Ao mesmo tempo, percebe-se também nesse conjunto de imagens uma tentativa de narrar, por meios do uso de fotografias, alguns impactos do golpe de 1964 no cotidiano da população belenense.

As imagens serão classificadas em três grupos distintos (embora, de modo geral, estejam imbricadas): no primeiro, as imagens relacionadas a eventos-chave do período (como por exemplo, a marcha da família com Deus pela liberdade realizada em Belém), no segundo serão discutidas imagens diretamente atreladas à conjuntura do golpe, mas que são entendidas aqui como representações visuais que buscam enfatizar aspectos do cotidiano da cidade (ou rupturas do cotidiano) e por último imagens que poderiam se enquadrar na categoria de “imagens do esquecimento”, pois estão relacionadas a problemas sociais e urbanos da cidade de Belém que, por conta da ênfase dada pelos historiadores aos eventos políticos de março/abril de 1964, acabaram ficando relegadas ao esquecimento pela historiografia⁵.

Qual foi o posicionamento tomado pela grande imprensa brasileira diante do golpe civil-militar de 1964? Segundo Rodrigo Motta (2014), é possível identificar uma série de ambiguidades da imprensa diante desse cenário político que irá caracterizar o regime militar. Ao estudar seis dos principais jornais do eixo Rio-São Paulo, os quais significavam 20% dos jornais produzidos no país em quantidade de exemplares, Motta aponta que a maioria dos diários apoiou o golpe de 1964, ainda que alguns veículos tivessem entrado “em choque com o poder autoritário” (2014: 64), como por exemplo, o jornal *Última Hora*.

Motta também identifica, de maneira geral, que a maioria dos jornais que apoiaram o golpe de 1964, passou a adotar uma postura mais crítica em relação ao regime conforme os Atos Institucionais iam sendo promulgados. Contudo, a partir do Ato Institucional nº5 e o aumento da censura à imprensa com a presença de censores nas redações dos principais veículos de comunicação do país, matérias de cunho político teriam diminuído substancialmente das pautas de jornais como *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo* e *O Globo*. Ficando praticamente restrita às representações visuais, como a caricatura, a

⁵ Em decorrência da limitação de número de páginas e tamanho máximo do arquivo do artigo (limitado a 3MB), algumas imagens comentadas não poderão ser inseridas no corpo do texto.

construção de representações mais críticas ao regime político, ainda assim de forma esporádica.

O fechamento de jornais também foi uma constante, conforme o regime se fortalecia. O jornal *Última Hora*, o qual se posicionou de forma contrária ao golpe de 1964, enfrentou sérios problemas com a censura e fechou as portas em 1971, quando o seu proprietário, que se encontrava em Paris, vendeu o jornal para a empresa *Folha da Manhã S/A*.

Ao buscar “obter um quadro mais amplo das representações jornalísticas sobre o regime militar” (2014: 63), Mota atenta para a necessidade de melhor especificar os diferentes tipos de linguagem presentes num mesmo jornal. Em seu estudo, classifica as narrativas jornalísticas a partir de dois tipos de discursos: verbais e visuais. Outro elemento que chama atenção no estudo de Rodrigo Motta em que destaca haver poucos trabalhos dedicados à grande imprensa em detrimento das numerosas pesquisas sobre a imprensa alternativa, ainda que os jornais considerados mais tradicionais atingissem um público maior. Motta aponta ter havido certo fascínio da imprensa alternativa sobre os historiadores durante muito tempo, possivelmente motivada pelo conteúdo mais crítico desses jornais, em detrimento da grande imprensa a qual durante muito tempo foi vista como um veículo extremamente cooperativo com a ditadura.

Nesse contexto, busca-se também compreender o papel da grande imprensa paraense como algo complexo e ambíguo, visto que, de acordo com Mota, os jornais sofriam inúmeras influências externas, como por exemplo, do Estado, podendo ocorrer de duas formas: financeiramente, para obter vantagens ou apenas publicidade e por meio de ações intimidatórias. Além disso, havia a influência do público leitor. O fato da grande imprensa possuir um alcance maior não significava necessariamente que estes fossem capazes de formar uma opinião consensual entre seus leitores. Cabendo aí uma análise dos principais jornais do período não somente sob o âmbito polarizado entre ser contra ou a favor de Jango ou do golpe, mas também de outras nuances, explorando suas particularidades no que diz respeito também ao aspecto narrativo.

Motta (2014), Fontes (2014) e Barbosa (2013), dentre outros autores, defendem uma postura menos fechada e linear em relação ao posicionamento político da grande imprensa ao longo do regime militar. Motta, por exemplo, aponta que se os editoriais mais críticos praticamente desapareceram dos grandes jornais do eixo Rio- São Paulo após a promulgação

do AI-5, não obstante as caricaturas continuaram sendo um recurso utilizado por alguns jornais para emitirem opiniões críticas à situação de fechamento político do país, ainda que essas críticas fossem muitas vezes realizadas de forma sutil (tão sutil que às vezes não eram compreendidas pelo grande público). Ainda assim, Motta identifica as charges como um tipo de representação visual profícuo ao debate historiográfico acerca do regime militar, especialmente em relação ao tema do apoio da sociedade civil ao regime.

Já Barbosa, problematizou algumas críticas feitas ao regime em alguns jornais e revistas pelos seus editores. Em seus depoimentos, estes relatam por vezes criar matérias de caráter histórico em torno de algumas personalidades cujas representações eram criadas de forma, proposital, semelhantes às personalidades políticas brasileiras atuantes no contexto da ditadura. No entanto, aqui também se percebe um elevado nível de subjetividade, visto que alguns entrevistados relatam se tratar de nuances que dificilmente eram percebidas por outros leitores senão pelos próprios jornalistas e, no momento da entrevista, relatam precisar reler as matérias para conseguir lembrar detalhes sobre como as críticas a essas personalidades políticas eram feitas.

No Pará, Fontes identifica em seu estudo sobre a imprensa e o golpe civil-militar de 1964, uma mudança de posicionamento do jornal *O Liberal* em relação ao novo governo ao longo do ano de 1964. A autora aponta que, nessa época, os jornais de maior circulação no estado eram: *O Liberal* fundado em 1946; a *Folha do Norte* fundado em 1896 e *A Província do Pará* fundado ainda durante o Império, em 1876, e destaca que “*O Liberal*” - um dos principais jornais paraenses do período - foi fundado por apoiadores do ex-interventor e governador do estado, Magalhães Barata, os quais também foram os responsáveis pela fundação do PSD no Pará. Um dos principais objetivos seria constituir um veículo de comunicação de massa capaz de responder às ferrenhas críticas dirigidas ao partido, as quais eram constantemente publicadas nos editoriais da “Folha do Norte”, jornal abertamente “anti-Baratista”.

Embora tenha apoiado o golpe de 1964, *O Liberal*, segundo Fontes, apresenta uma mudança de posição após a cassação dos “mandatos do governador Aurélio do Carmo, do vice-governador, do prefeito de Belém, e de vários deputados estaduais e federais.” (2014:340) ao longo dos meses de maio de junho. Visto que, alguns desses políticos eram do PSD.

No período do golpe, o governador do Pará encontrava-se no Rio de Janeiro e teria feito um pronunciamento de grande destaque na imprensa carioca. Em matéria do dia 04 de abril de 1964, *O Liberal* publica uma proclamação de Aurélio do Carmo onde o governador descreve de forma eufórica um sentimento de “alegria da vitória das fôrças da liberdade”⁶. Um dia antes, o prefeito de Belém, Moura Carvalho, também tem um pronunciamento publicado no mesmo jornal em que afirma ser favorável ao “momento em que a nação retorna à plenitude do seu regime democrático”⁷. Contudo, os pronunciamentos favoráveis ao novo regime na imprensa não foram suficientes para lhes garantir o cargo.

Embora já se perceba nos jornais do período alguns elementos inerentes à premissa da busca da imparcialidade jornalística, adotar-se-á aqui uma postura de investigação semelhante à de Fontes ao se debruçar sobre esses periódicos. A qual seria compreender que “uma das principais características da imprensa, até os anos 1960, quando a indústria de comunicação de massa ainda era incipiente, era de ser partidária” (2014: 343).

É importante ressaltar também que nesse período, tanto *O Liberal*, quanto a *Folha do Norte* e *A Província do Pará* costumavam estampar nos espaços de destaque da primeira página de seus respectivos periódicos, manchetes de cunho político de âmbito nacional, as quais eram obtidas de outras agências de maior circulação, como Rio de Janeiro, Brasília e Recife. Desse modo, o posicionamento dos editoriais dos jornais em relação ao contexto político de 1964 pode ser percebido com certa clareza já em suas primeiras páginas, quando normalmente se publicava matérias contrárias ao governo João Goulart, explorando de forma constante temas ligados ao presidente sob um enfoque que tendia a associar Jango ao perigo constante de uma possível revolução comunista o Brasil.

Essas matérias parecem ser reproduzidas quase integralmente de outros editoriais, desse modo, pode-se dizer que o posicionamento dos jornais paraenses estava, de maneira geral, alinhado com o que vinha sendo publicado em outros jornais de grande circulação. Assim, para uma melhor compreensão das nuances desses diários acerca do que foi publicado sobre o golpe de 1964, é importante analisar não apenas as matérias de cunho estritamente

⁶ Proclamação de Aurélio do Carmo. *O Liberal*, Belém, Caderno. 1, p.5, 4 abr. 1964.

⁷ Mensagem ao povo paraense. *O Liberal*, Belém, Caderno. 1, p. 3, 3 abr. 1964.

político em destaque nesses periódicos⁸, mas também vasculhar outros cadernos, como por exemplo, as páginas voltadas para o cotidiano da cidade.

Dentro dessa ótica, a seção “Uma foto e sua legenda” de *A Província do Pará* possui um rico conjunto de fotografias sobre o contexto do golpe de 1964 no Pará. Localizada normalmente na última página do jornal, junto com outras matérias que buscavam retratar elementos do cotidiano da cidade de Belém. Essa seção buscava, por meio do recurso às imagens, chamar a atenção do leitor para uma série de eventos ocorridos na cidade. Com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, as imagens vinham acompanhadas de um pequeno texto de um parágrafo em que explicitavam alguns elementos contidos na imagem, bem como contextualizavam o evento, de forma semelhante ao método utilizado em algumas revistas semanais de grande circulação nacional criadas na primeira metade do século XX (MAUAD, 2006: 373).

As diminutas legendas contidas embaixo das imagens também possibilitam compreender melhor os objetivos por trás da imagem. Por exemplo, em uma fotografia publicada no dia 3 de abril de 1964 sobre a efetuação de prisões de estudantes universitários a partir de uma ação das forças armadas na sede da UAP (União Acadêmica Paraense), a legenda adota uma postura agressiva contra os estudantes de Belém, de outras regiões do país e de estrangeiros que se encontravam no local para participar de um seminário sobre a Reforma no Ensino. O texto aponta a sede da UAP como o “principal reduto das atividades subversivas em nossa capital”⁹ e ainda que o Exército teria encontrado no local “farto material subversivo, constante de propaganda comunista além de literatura de igual teor”¹⁰.

Outra imagem publicada nessa seção que está diretamente relacionada a um evento-chave do período, é uma fotografia publicada no dia 23 de abril sobre a marcha da família com Deus pela liberdade realizada em Belém no dia 21 do mesmo mês.

⁸ Embora os editoriais pudessem defender eventualmente um posicionamento diferente. Conforme já apontado no estudo de Edilza Fontes.

⁹ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 1, p. 10, 3 abr. 1964.

¹⁰ *Idem*.



Figura 1: Marcha da família com Deus pela Liberdade
Fonte: *A Província do Pará* (23 abr. 1964)

A imagem possui um forte apelo nacionalista, apresentando várias pessoas carregando bandeiras do Brasil em mãos e uma grande bandeira ao centro da fotografia, em destaque sobre o capô de um carro. Já a legenda chama atenção para a imagem como um registro do “mais impressionante espetáculo de civismo jamais presenciado em nossa capital, (...) a marcha da família com Deus pela liberdade”¹¹ e conclui afirmando que o grande evento “demonstrou de maneira irrefutável e inequívoca a sua vocação democrática, o seu apoio ao regime da liberdade em que agora estamos vivendo”¹². A legenda também destaca o suposto caráter democrático do novo regime que poderia ser identificado pela presença de diversos segmentos sociais ao evento, “desde o elemento mais destacado de nosso comércio até o mais humilde homem do povo”¹³.

É interessante notar que a *marcha da família* em Belém ocorre no dia 21 de abril, ou seja, mais de um mês após a primeira marcha organizada por segmentos sociais brasileiros descontentes com o comício realizado pelo então presidente João Goulart no dia 13 de março¹⁴. E embora as *marchas* realizadas nas principais capitais brasileiras a partir do mês de abril já passassem a ser denominado de *marcha da vitória*, em decorrência da deposição de João Goulart no dia primeiro de abril. Em Belém, o evento mantém o nome utilizado nas primeiras passeatas realiadas em São Pulo e Rio de Janeiro durante o mês de março, talvez com o intuito de tirar proveito do forte apelo religioso contido na nomenclatura inicial, o qual possivelmente teria um maior impacto junto à população belenense. Contudo, assim como nas

¹¹ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 1, p. 6, 23 abr. 1964

¹² *Idem.*

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ A primeira marcha da família aconteceu em São Paulo, no dia 19 de março de 1964. Contando com a presença de centenas de milhares de pessoas, o evento teve grande cobertura dos periódicos e passou a ser organizado em várias capitais brasileiras.

demais *marchas da vitória*, a marcha belenense também aparenta possuir um caráter mais comemorativo.

Em seu estudo acerca da iconografia política, Ginzburg (2014) chama a atenção dos historiadores sobre a ampliação da influência das imagens visuais de cunho propagandístico ao longo do século XX a partir de cartazes de convocação de homens para a Primeira Guerra Mundial e Guerra do Vietnã. Desse modo, o autor identifica uma intersecção necessária ao historiador da iconografia política do século XX: efetuar constantes relações entre política e propaganda. A figura 1 talvez não possua o nível de sofisticação simbólico das imagens estudadas por Ginzburg, no entanto pode-se destacar o uso de algumas simbologias com finalidades políticas em alguns desses iconotextos. Sendo o principal deles, o uso do pavilhão nacional, o qual está presente em outra fotografia na mesma seção publicada no dia 16 de abril em alusão à posse de Castelo Branco na presidência.



Figura 2: Bandeira do Brasil nos altos de um prédio comercial
Fonte: *A Província do Pará* (16 abr. 1964)

Publicada logo após a posse de Castelo Branco, a figura 2 destaca uma grande bandeira brasileira pendurada nos altos de um prédio comercial, possivelmente localizado no centro da cidade. A imagem, aparentemente, teria o objetivo de noticiar a existência de um grande apoio da população, ou pelo menos de um determinado segmento de comerciários, ao novo presidente da República.

Como já dito anteriormente, as imagens contidas nessa seção buscavam apresentar representações visuais do cotidiano da cidade. No entanto, o contexto de crise e polarização política latente entre os anos de 1963 e 1964 possibilita a identificação de elementos desse quadro político em seções que anteriormente não possuíam como objetivo primordial retratar

questões de ordem política. Assim, o registro de um simples pavilhão nacional no alto de um prédio comercial já torna-se motivo para interpretá-lo como um ato simbólico de estar a favor ou contra o golpe de 1964, segundo os editores que escreveram a legenda embaixo da fotografia.

Durante o mês de abril essa seção teve como um de seus principais enfoques publicar fotografias sobre os impactos do golpe de 1964 no cotidiano da cidade. Diante disso, publicam-se iconotextos noticiando o retorno da circulação dos trens na Estrada de Ferro Belém- Bragança, no dia 4 de abril. Na semana seguinte continuam os registros fotográficos sobre a “volta da cidade à normalidade”¹⁵, com a publicação de imagens a propósito da volta às aulas na faculdade¹⁶ na terça-feira e outra no dia ulterior mostrando um enorme balcão com várias pessoas em fila noticiando a reabertura dos bancos “após precisamente oito dias (...), desde os primeiros instantes da crise que só terminou com a fuga de Jango após a vitória das forças democráticas”¹⁷(Figura 3). Ainda segundo a legenda, os bancos teriam sido fechados por recomendação do governo do estado.



Figura 3: Reabertura dos bancos em Belém
Fonte: *A Província do Pará* (8 abr. 1964)

Outras imagens apresentam cenas incomuns no cotidiano da cidade, como uma imagem da corveta “Solimões” ancorada em frente à base militar de Val de Cães¹⁸. Aqui novamente se percebe um viés propagandístico, visto que este ancoradouro fica afastado do centro da cidade. Levando a crer que o repórter fotográfico precisou realizar um grande

¹⁵ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 1, p. 10, 8 abr. 1964

¹⁶ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 1, p. 10, 7 abr. 1964

¹⁷ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 1, p. 10, 8 abr. 1964

¹⁸ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 1, p. 10, 9 abr. 1964

deslocamento para fazer o registro. Além disso, a legenda finaliza com uma mensagem de elogio às autoridades navais por “não titubearam em trazer o seu poderio para esse local, numa demonstração de que estão sempre alertas e que não será fácil destruir o que tão caro custou ao povo brasileiro”¹⁹.

No entanto, mesmo diante do contexto do golpe de 1964, essa seção do jornal *A Província do Pará* não cessa de publicar iconotextos que, ao nosso ver, eram o alvo principal da maioria das fotografias publicadas nessa seção: denunciar alguns problemas sociais e urbanos enfrentados pela população de Belém. Em uma imagem (Figura 4) publicada no dia 25 de abril, o jornal denúncia a existência de um “buraco enorme, um mundão de buraco, um ‘despotismo’ de buraco, (...) (pois que a cada nôvo dia se faz maior) ali à esquina das avenidas 15 de novembro e Portugal”²⁰.



Figura 4: Buraco na rua
Fonte: *A Província do Pará* (25 abr. 1964)

Em outra imagem publicada no dia 5 de abril, a fotografia apresenta em destaque uma fila de pessoas com baldes nas mãos indo buscar água, por conta da falta de abastecimento de água em alguns bairros de Belém²¹. Em outra fotografia do dia 17 de abril, apresentam-se alguns mendigos ao lado de um caminhão de lixo²². Além de uma imagem publicada no dia 26 de abril de uma criança na feira, onde a legenda denúncia que a criança deveria encontrar-

¹⁹ *Idem.*

²⁰ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 2, p. 8, 25 abr. 1964

²¹ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 1, p. 10, 5 abr. 1964

²² Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 1, p. 10, 17 abr. 1964

se na escola “no horário em que a fotografia foi feita”²³. E conclui criticando a prefeitura pela “insuficiência do número de creches em Belém para as crianças em idade escolar”²⁴

Portanto, este artigo buscou apresentar algumas representações visuais acerca do golpe civil-militar de 1964 na grande imprensa paraense a partir de um estudo inicial sobre uma seção localizada na última página da *A Província do Pará*. Os iconotextos encontrados nessa seção permite-nos efetuar algumas reflexões sobre os impactos do golpe de 1964 no cotidiano da cidade de Belém, paralisando serviços essenciais, como bancos e faculdades, e levando a uma maior radicalização dos grupos políticos que assumiram o poder a partir de então. Bem como, a uma ampliação dos debates sobre questões de ordem política nos jornais, onde seções dedicadas a outras temáticas passam a publicar matérias de caráter político. No entanto, os jornais não cessaram de divulgar certos problemas sociais e urbanos existentes em Belém logo após o golpe de 1964²⁵.

Em linhas gerais, buscou-se apresentar algumas particularidades das representações visuais em relação às verbais, ainda que as imagens analisadas viessem acompanhadas de pequenos textos. Desse modo, acredita-se que o estudo dos jornais enquanto fonte e objeto de pesquisa, possibilita a exploração dos periódicos de forma mais ampla, permitindo a identificação de suas particularidades narrativas de acordo com o tipo de discurso utilizado, trazendo à discussão outros elementos pertinentes do golpe civil-militar de 1964 no contexto paraense.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. “Imprensa e ditadura: do esquecimento à lembrança em imagens sínteses”. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/viewFile/4131/2447>> Acesso em 23 jul. 2017.

²³ Uma foto e sua legenda. *A Província do Pará*, Belém, Caderno. 2, p. 8, 26 abr. 1964

²⁴ *Idem*.

²⁵ Essa questão remete à necessidade de outros estudos sobre a manutenção, ou não, do comportamento “denunciativo” da imprensa ao longo do processo de endurecimento do regime ao longo da década de 1960.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

DE LUCA, Tânia Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

FICO, Carlos. *O golpe de 1964: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

GINZBURG, Carlo. ““Seu país precisa de você”: Um estudo de caso em iconografia política”. In: GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência e terror: quatro ensaios de iconografia política*. Tradução de: CAROTTI, Federico; MELO, Joana Angélica; GUIMARÃES, Júlio. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FONTES, Edilza Joana. “O Golpe civil-militar de 1964 no Pará: imprensa e memórias”. *OPSI*, Catalão-GO, v. 14, n. 1, p. 340-360 – jan./jun. 2014.

MAUAD, Ana Maria. “O olho da história: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo”. In: NEVES, Lúcia Mária P; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

MENESES, Sônia. *Operação midiográfica: o golpe de 1964 e a Folha de São Paulo*. São Paulo: Intermeios, 2016.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969”. *TOPOI*, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 62-85.